



E.M.G.F.A. — 5.ª Divisão

COMISSÃO DINAMIZADORA CENTRAL

texto de apoio 15



DINAMIZAÇÃO CULTURAL · ACÇÃO CÍVICA

ELEIÇÕES EM ANÁLISE

II — A INTERPRETAÇÃO REGIONAL

À interpretação regional das eleições serão necessárias referências à votação registada por parte de alguns partidos. Não é, porém, nosso objectivo, analisar o significado dessas votações partido a partido, nas diferentes regiões ou distritos.

Assim, não só deixaremos para parte mais adiantada deste escrito essa observação, ainda que breve, mas também consideraremos os resultados do CDS e do PPD tradutores da maior ou menor amplitude do esforço a desenvolver no sentido de, conforme repetidamente acentuámos, se esclarecerem e se organizarem as massas em torno do projecto "a caminho do socialismo", em construção.

Este procedimento justifica-se, porquanto o CDS é representativo das classes mais privilegiadas da nossa sociedade e apresenta opções e dirigentes que não dão garantias de um não regresso a uma situação caracterizada no essencial pela mesma organização económico-social (se bem que melhorada na forma, não no conteúdo), que estamos em vias de desmantelar. O PPD, por seu lado, aponta para uma via social-democrática, nitidamente aquém da opção tomada pelo MFA e ratificada pela grande maioria do Povo Português. Um e outro terão "mercado" com uma amplitude que é directamente proporcional ao grau de despotalização das massas populares, excepção feita a uma pequena franja marginal de reaccionários convictos e que encabeçam a reacção. Ambos, ainda, desenvolveram uma campanha eleitoral tendente àquilo que entenderiam por afirmação política junto do MFA e do Povo Português.

A REGIÃO DO NORTE

Observemos os sete distritos nos quais a votação atingiu valores mais elevados nesses partidos, separadamente e nos seu conjunto:

CDS		PPD	
Guarda	19,49 %	Vila Real	46,00 %
Braga	18,06 %	Viseu	43,89 %
Viseu	17,26 %	Bragança	43,08 %
Viana do Castelo	14,54 %	Aveiro	42,94 %
Bragança	13,51 %	Braga	37,70 %
Aveiro	11,06 %	Viana do Castelo	36,01 %
Vila Real	7,08 %	Leiria	35,55 %

Média do Continente: 7,65 %

Média do Continente: 26,38 %.

CDS + PPD

Viseu	61,45 %	— votos —	143 034
Bragança	56,59 %	— votos —	56 635
Braga	55,70 %	— votos —	188 358
Aveiro	54,00 %	— votos —	177 785
Vila Real	53,08 %	— votos —	74 663
Guarda	52,83 %	— votos —	66 940
Viana do Castelo	50,55 %	— votos —	70 604

Soma de votos: 778 019 = 40,36 % dototal.

Média do Continente: 34,03 %.

Temos, assim, toda azona a norte dos limites setentrionais dos distritos de Coimbra e Castelo Branco, à excepção de uma pequena "ilha" — o distrito do Porto (onde o conjunto dos dois partidos atingiu 38,36 % do eleitorado) —, apresentando uma maioria da população pouco esclarecida e com uma consciência de classe explorada pouco desenvolvida. Ora, os sete distritos indicados são curiosamente os que apresentam menores índices de desenvolvimento económico e social:

— No conjunto, o Produto Interno Bruto (PIB) (variável que exprime o esforço produtivo) gerado nessa zona atinge apenas 23,1 % do total do País.

— O valor do PIB por habitante era, em 1970, da seguinte ordem, face à média do País.

Viseu	15,8 contos por habitante
Bragança	10,5 contos por habitante
Braga	14,9 contos por habitante
Aveiro	22,1 contos por habitante
Vila Real	8,3 contos por habitante
Guarda	11,5 contos por habitante
Viana do Castelo	9,3 contos por habitante

Média do Continente: 19,8 contos por habitante.

Nesta zona predomina, em larga escala, a muito pequena propriedade.

Aveiro é a nota discordante dessa regularidade de valores sensivelmente mais baixos, alguns dos mais baixos, que a média geral do País. Tal facto, porém não invalida a correlação detectada, uma vez que a capitação deste distrito é influenciada fortemente pela existência de uma cintura industrial "desenvolvida" muito concentrada geograficamente.

É certo, que, normalmente, nas áreas de maior atraso económico as populações ganham mais rapidamente consciência bem definida da sua condição de classe explorada. Tal não sucede no caso vertente dadas as características próprias da região, por um lado, e os efeitos do fascismo, por outro. Com efeito, foi política do regime tão bem deposto em 25 de Abril de 1974 acompanhar a exploração intensa do trabalho com a opressão e o embrutecimento do povo para melhor e mais comodamente levar a efeito essa exploração. No Norte (aí já o Porto, distrito mais progressivo, foge um pouco à regra) a posse da terra e o anticomunismo feroz, tão aproveitado por alguns partidos, são mais dois factores que levam o nortenho a votar como votou: mais à direita.

No que toca os aspectos qualitativos a mentalidade adquirida pela posse de minipropriedades agrícolas, que mal permitem o autoconsumo, e que determinam uma exploração da terra à margem do sistema monopolista, aliada, como causa e efeito, à falta de cultura, a "resignação", a noção "de destino", ao antocomunismo, ao embrutecimento e à dominação exercida pela igreja reaccionária e pelos caciques locais características insufladas durante 50 anos, e agora aproveitadas à "boa maneira capitalista" com fins eleitorais, eis algumas das causas deste panorama.

Tornam-se, necessárias, portanto, enormes tarefas para chamar essas populações ao processo revolucionário. Fortes campanhas dinamizadoras como as que o MFA tem vindo a efectuar, devem ser desencadeadas de imediato, agregando a esse projecto as camadas da população que, pela sua condição de mais esclarecidas no momento actual possam dar um contributo válido no sentido de reforçar a execução dessa patriótica acção de esclarecimento e consciencialização de massas.

E os partidos de esquerda que dizem a este panorama? Impõe-se ou não uma acção comum? Estão ou não interessados nela? É chegada a ocasião de claramente tomarem posição sobre este ponto. Quantos anos poderão ser abreviados nos trabalhos conducentes e ultrapassar esta situação se se reforçar pela unidade desses partidos o avanço do processo revolucionário, de modo a que a sua dinâmica gere cada vez mais factores de progresso? Tem a palavra o Partido Socialista.

Ao nível do Governo Provisório terá de se começar a contemplar seriamente a problemática regional. As assimetrias do nosso (sub desenvolvimento económico-social atingem graus elevadíssimos pelo que de imediato o reforço técnico e financeiro das autarquias locais e o alargamento consequente das suas atribuições, a análise dos problemas do desenvolvimento numa óptica de subespaços regionais, o levantamento total dos problemas e dos anseios dessas populações, iniciando o planeamento económico e social em novos moldes, com a mais ampla participação das massas populares e não em trabalho resultante meramente de investigações "em gabinete", a formação de brigadas móveis de saúde e educação que percorram o País, são algumas das tarefas a contemplar desde já. Não será este projecto capaz de motivar os partidos progressistas que, dados os seus programas, parece quererem defender os interesses do povo em geral e das classes trabalhadoras em particular? Ou a divisão e a exploração de efeitos do fascismo, com fins eleitoralistas e resultantes, no fundo, de ânsia do poder é tarefa

prioritária? Em que ficamos PS? Retomando a observação distrital nos moldes em que a vínhamos fazendo, verificamos ser significativa a circunstância de os três distritos onde o CDS obteve a menor percentagem de votos serem aqueles onde o Partido Comunista agregou uma maior adesão:

CDS		PCP	
Setúbal	1,55 %	Setúbal	37,82 %
Beja	2,19 %	Beja	39,01 %
Évora	2,82 %	Évora	37,14 %

Decorre daqui outra importante conclusão: a desigual implantação no País dos partidos à direita da opção do MFA (e "à direita" em termos absolutos, também!), com diferenças de acentuada magnitude que vão desde 1,55 % em Setúbal, a 19,49 % na Guarda, o CDS, e entre 5,23 % e 46,00 %, respectivamente em Beja e Vila Real, o PPD.

A REGIÃO DO SUL

O quadro de caracterização que se detecta na zona Sul do País é já totalmente contrário. Seguindo o mesmo esquema que foi observado para a região a norte dos limites setentrionais dos distritos de Coimbra e Castelo Branco procurar-se-á, agora, em relação ao PCP e ao PS, identificar os distritos onde estes dois partidos, no seu conjunto, obtiveram mais de 50 % dos votos do eleitorado:

PCP		PS	
Beja	39,01 %	Portalegre	52,40 %
Setúbal	37,82 %	Lisboa	46,05 %
Évora	37,14 %	Faro	45,45 %
Lisboa	18,95 %	Coimbra	43,28 %
Portalegre	17,53 %	Santarém	42,89 %
Santarém	15,10 %	Porto	42,48 %
Faro	12,30 %	Castelo Branco	41,31 %

Média do Continente: 37,87 %.

PCP + PS

Setúbal	75,97 % — votos — 286 075
Évora	74,90 % — votos — 95 256
Beja	74,50 % — votos — 95 781
Portalegre	69,93 % — votos — 71 205
Lisboa	65,00 % — votos — 820 898
Santarém	57,99 % — votos — 170 634
Faro	57,75 % — votos — 118 296

Soma dos votos — 1 658 145 = 58,08 % do total.

Média do Continente: 50,40 %.

Nestes sete distritos o produto interno bruto gerado é da ordem dos 49,5 % do total do País (não se considerando Lisboa, ronda os 22,5 %), enquanto a sua capitação por habitante atingia, em 1970, em contos: Setúbal, 33,3; Évora, 18,0; Beja, 15,9; Portalegre, 18,6; Lisboa, 27,4; Santarém, 18,4 e Faro, 12,3. Em contraposição à zona Norte, considerada, esta região é caracterizada pela existência do grande latifúndio, onde o trabalhador agrícola adquire uma mentalidade diferente, dada a sua posição face à propriedade. Assim se explica que em distritos com valores semelhantes de produção média por habitante se registem votações tão díspares (exemplo, Braga, com 14,9 contos por habitantes, e Beja, com 15,9). Efectivamente, tudo depende não do nível médio de desenvolvimento mas, sim, da maneira como são obtidos esses valores médios, isto é, da sua repartição por classes e das posições respectivas que cada uma assume face à detenção da propriedade dos meios de produção, e à condição em que perante eles se encontra.

Será de atentar ainda na circunstância de se localizarem nesta área os distritos onde os votos agregados pelo conjunto CDS + PPD não atingem os 10 % — Setúbal, 7,29 %; Beja, 7,42 %, e Évora, 9,66 %, ou seja, as áreas de latifúndios e com maior grau de industrialização, onde a acção passada do Partido Comunista mais se fez sentir.

A REGIÃO CENTRAL

Castelo Branco, Coimbra e Leiria constituirão uma terceira zona onde, em termos médios, as tarefas a desenvolver para uma maior consciencialização do povo se apresentam com uma prioridade a que chamaremos "dois". A este conjunto poderemos juntar o distrito do Porto (CDS + PPD atingem 38,06 e PS 48,14 % dos votos respectivos). Neste agregado de distritos, a implantação das forças da direita encontra-se equilibrada relativamente a partidos, com maior adesão, que defendem uma opção socialista. Foi a seguinte a repartição do eleitorado:

	CDS + PPD	PCP + PS
Castelo Branco	30,75 %	46,96 %
Coimbra	31,77 %	49,00 %
Leiria	42,31 %	39,59 %
Porto	38,36 %	49,14 %

O País encontra-se dividido em três grandes zonas, onde atingirá dimensão diferente a actividade a desenvolver em ordem a que as populações adquiram uma noção mais correcta das vias para a obtenção dos seus legítimos anseios, e, portanto, uma maior preparação política.

A acção cultural a compreender deverá distribuir-se segundo uma escala de prioridades bem definida, com base na carta política obtida por intermédio das recentes eleições:

Prioridade 1 — Toda a zona a norte dos distritos de Coimbra e Castelo Branco.

Prioridade 2 — A região central do País composta por Castelo Branco, Coimbra e Leiria.

Prioridade 3 — A região a sul do País.

Estas as principais conclusões que a análise dos resultados por distritos possibilita. É evidente, que a observação do fenómeno em termos distritais médios encobre realidades em subespaços, bastante diferentes, pelo que toda a investigação a conduzir deverá ter em linha de conta a distribuição dos votos ao nível concelhio e mesmo por freguesias.

É, porém, significativo anotar que existe uma correspondência estreita entre a divisão da propriedade agrícola e os resultados eleitorais. Com efeito, a análise em termos de posição relativamente aos meios de produção — neste caso a terra — permite determinar uma das principais variáveis explicativas do fenómeno. Este mesmo facto acarretou, ainda, a existência nessas zonas de caciques, com elevada influência junto do povo, e não só, já que as zonas a que chamamos de "prioridade 1" são precisamente aquelas onde a autoridade eclesiástica mais se faz sentir. Uma análise mais "fina" ao processo eleitoral fará, ainda, ressaltar outros factores explicativos como, por exemplo, a distribuição das regiões mais industrializadas, com maior número de operários, e simultaneamente, com um sector "de serviços" mais desenvolvido, o que terá influenciado fortemente as votações em diversas zonas.

Para além de toda uma acção já antes referida no sentido da aceleração do processo revolucionário, de modo a que a sua dinâmica própria contribua para uma maior consciencialização das massas, as regiões mais afectadas pelo obscurantismo deverão, assim, ser objecto de amplas campanhas de dinamização cultural, através das quais se procure desmistificar toda uma série de "preconceitos" e de ideias completamente ultrapassadas existentes no seio do povo. Há que elucidar as regiões mais obscurecidas de que o perigo para o processo de construção de sociedade onde não exista a exploração do homem pelo homem vem da "direita", da reacção, e não de partidos que defendem intransigentemente a causa da classe operária e das massas trabalhadoras. Paralelamente terá de ser dada com insistência uma nota de realismo chamando-se a atenção para a necessidade de mais trabalho e de lucidez nas reivindicações dos trabalhadores. Impõe-se uma vasta acção para canalizar devidamente a participação activa de todo o povo português na construção do socialismo. E a par do combate a todas as tentativas divisionistas e de distracção da luta para objectivos não fundamentais, terá de se fazer avançar o processo revolucionário nos campos.

Há que caminhar para a expansão dos ideais verdadeiramente democráticos e para a criação de um espírito revolucionário em todo o povo. A aceleração do processo em curso, o alargamento da aliança Povo-MFA e a intensificação do esforço de dinamização e agitação cultural serão, sem dúvida, os factores mais eficazes para tal fim. Eis um projecto que deverá congrega o trabalho de todos; eis um projecto que pela sua grandiosidade e interesse patriótico deverá ser um factor que aglutine na acção prática os partidos políticos que efectivamente se identificam com esta bela mas difícil caminhada para o socialismo.

MAIO DE 1975